

"Freedom"

Br. An 1660

AUTORES VARIOS

325

HYMNOS E CANTICOS LIBERTARIOS

E

Indicador das Associações Operarias

A Internacional
Filhos do Povo
Canto dos Trabalhadores
Sol dos Livres
Cantico Rebelde
Marselheza do Fogo
O Primeiro de Maio
Trovas
Sertanejo Rebelde
Nho Prccopio pacifista
Nossa Paz
Canção Vermelha

PREÇO 200 REIS

1923

RIO DE JANEIRO

GRUPO DE PROPAGANDA SOCIAL
RIO DE JANEIRO

Int. Instituut
Soc. Geachiedenis
Amsterdam

A INTERNACIONAL

A pé ó victimas da fome!
A pé famelicos da terra!
A ignea Razão ruge e consome
a crosta bruta que a soterra!
Cortae o mal bem pelo fundo!
A pé! a pé! não mais senhores!
Si nada somos em tal mundo,
sejamos tudo, ó productores!

Bem unidos, façamos,
n'esta luta final,
d'uma terra sem amos
a Internacional!

Messias, Deus, chefes supremos,
Nada esperemos de nenhum!
Sejamos nós que conquistemos
a terra Mãe livre e commum!
Para não ter protestos vãos,
para sahir d'este antro estreito,
façamos nós, por nossas mãos,
tudo a que o nós nos diz respeito!

Bem unidos, etc.

Crime de rico, a lei o cobre,
O Estado esmaga ao oprimido:
não ha direitos para o pobre,
ao rico tudo é permittido.

A' opressão não mais sujeitos!
Somos eguaes todos os seres:
não mais deveres sem direitos,
não mais direitos sem deveres

Bem unidos, etc.

Abominaveis na grandeza,
os reis da mina e da fornalha
edificaram a riqueza
sobre o suor de quem trabalha.
Todo o producto de quem sua
a corja rica o recolheu;
querendo que ella o restitúa,
o povo só quer o que é seu.

Bem unidos, etc.

Fomos de fumo embriagados!
Paz entrê nós, guerra aos senhores!
Façamos grêve dê soldados:
somos irmãos, trabalhadores.
Si a raça vil, cheia de galas,
nos quer a força canibaes,
logo verá que as nossas balas
são para os nossos generaes.

Bem unidos, etc.

Somos povo dos activos,
trabalhador, forte e fecundo:
pertence a terra aos productivos,
ó parasita, deixa o mundo!
O' parasita, que te nutres
do nosso sangue a gotejar,
se nos faltarem os abutres,
não deixa o sol de fulgurar.

Bem unidos, façamos,
n'esta luta final.
d'uma Terra sem amos
a Internacional!



FILHOS DO POVO

Filhos do povo sofreis em extremo
Lenta agonia, sem luz e sem ar,
Mais vale o esforço dum acto supremo,
Se a vida é pena, mais vale lutar!

Esse vil mundo que atroz vos consome,
Sobre esses hombros, despotico está,
Lançai-o á terra, matai-o de fome,
Força suprema, que o braço vos dá.

Ah!
Revolução,
Abre o porvir,
A exploração
Ha de succumbir!
Eevanta-te, povo leal,
Ao grito de Revolução Social!

Ação, ação,
Não pedir leis,
Valor e união,
Que livre sereis.
Tonai de vez,
O bem estar,
Contra o burguez,
Lutar! Lutar!

Quando num gesto viril, soberano,
Numa revolta d'anteu productor,
Dissipe o homem neblinas de engano,
Retome a Terra, repila o senhor.

Sobre os escombros a livre communa
Sem leis, nem amos, viviaz surgirá;
Que a liberdade na vida nos una
Se tudo é de todos, escravos não ha!

Ah!
Revolução!
Abre o porvir,
A exploração
ha de sucumbir!
Levanta-te, povo leal,
Ao grito de Revolução Social!

Ação, Ação,
Não pedir leis,
Valor e união,
Que livres sereis,
Tomai de vez,
O bem estar,
Contra o burguez,
Lutar! Lutar!



CANTO DOS TRABALHADORES

Companheiros! Companheiras!
Levantai-vos! vinde em massa!
O pendão livre esvoaça
Ao sol claro do porvir!

Nos insultos e nas penas.
Mutuo pacto nos aperta;
A grande obra que liberta,
Quem de nós a irá trair?

São os filhos do trabalho,
Quem o ha-de redimir;
Ou viver pelo trabalho,
Ou lutando sucumbir!



Pelo campo e pela mina,
A buscar um magro ganho,
Somos brutos dum rebanho,
Tosquiados p'lo patrão.

O senhor por quem lutamos
Não nos dá direito á vida;
A ventura prometida,
Quando a vemos nós então?

São os filhos do trabalho, etc.



Entre as maquinas deixamos
Corpo e cerebro aos pedaços;
Hão-de á força os nossos braços
Terra, alheia fecundar.

O instrumento do trabalho,
Entre as mãos dos homens novos
Mate os odios entre os povos,
Chame o justo a triunfar.

São os filhos do trabalho, etc.



Separados somos fracos,
Somos fortes bem unidos;
Dá vigor aos oprimidos
Quem tem braço ou coração.

Tudo vem do suor nosso;
Derrubar erguer podemos;
Seja a senha; despertemos!
Foi bem longa a sujeição.

São os filhos do trabalho, etc.



O' irmãs de sofrimento.
Companheiras nos enganos
Que aos negreiros que aos tiranos,
A beleza e sangue dais;

Aos submissos aos imbeles,
Não mais deis o vosso sorriso !
Para o exercito indeciso
Os desastres são fatais.

São os filhos do trabalho, etc.



Maldição a quem se esposa
Nos banquetes nas orgias,
Junto a quem passa os seus dias,
Sem um pão e sem amor!

**Maldição a quem não sofre
Com a atroz miséria alheia,
E de paz na palavreia
Sob a pata do opressor!**

São os filhos do trabalho, etc.



**Guerra ás pátrias apaguemos
Os confins do mundo inteiro :
Que o inimigo, que o estrangeiro
Não é longe, é entre nós!**

**Guerra á guerra, sem descanso!
Sem descanso, morte á morte!
Do direito do mais forte
Já o termo em veloz!**

São os filhos do trabalho, etc.



**Se a igualdade não é fraude,
Ironia falsidade
O clamor fraternidade
O viver livre e viril!**

**Eis avante! companheiros,
Que nós todos somos servos ;
Com os fracos e protervos
Tranzijir é baixo, é vil!**

São os filhos do trabalho, etc.



SOL DOS LIVRES

(Musica da canção italiana „Sol é Mio.”)

Iluminando o pensamento humano,
o sol fecundo já desponta além,
num horizonte em que triunphante vem,
o Esterminio dum viver tirano!

O' Sol dos livres!
Rebelde Sol!
Astro que vives
da Ideia em pról,
ao Bello nos conduz
Teu brilho rubro, oh! econoçlasta luz!

P'ra vida plena induz a Humanidade
sem Leis, sem Amos, sem Patria, sem Deus,
rejubilando os corações plebeus
levando aos Povos, Terra e Liberdade!

Oh! Sol grandioso,
anunciador,
dum Mundo Novo
de Paz e Amor,
tu és Todo harmonia
oh! Sol dos livres tu és a Anarquia!



CANTICO REBELDE

(Musica da 1.ª parte do jado Carlos Jacintho)

Burguezia exploradora
do suor de quem trabalha:
da rajada redentora
é decisiva a batalha.

Marinheiros e soldados,
aos proletarios unidos,
farão justiça aos malvados,
que tanto os tem oprimido.

Oh! escravos do salario.
das leis e da disciplina,
tendes o vosso calvario
na sociedade assassina.

De angustias e privações
O nosso viver tem sido,
Oh! senhores dos salões
Chegou a hora! Sentido!

Revolução Social,
alvorada da Anarquia.
Viva a Patria Universal!
que a Russia nos anuncia.

Oh! Anarquia sublime
Ideal de liberdade
Que pelo amor nos redime
Dos grilhões da falsidade.

Marchar rasgando o horizonte
Diz ao escravo, ao plebeu:
— Caminha erguendo tua fronte
Que todo o Universo é teu!

Nada faz a burguezia
Que a gozar tudo consome;
A trabalhar noite e dia
O plebeu morre de fome.

Levanta-te povo ativo
Combatendo a exploração,
Hoje é crime ser passivo
E' justa a Revolução.

Em guarda! que se aproxima
O momento decisivo,
O povo não desanima
Porque não quer ser cativo.

Desfraldemos a bandeira
Do nossa Revolução
Nesta luta verdadeira,
Luta de emancipação.

(Repete-se na 1.^a e 2.^a vez)



MARSELHEZA DO FOGO

A chama a crepitar! Em circulo formai!
Dançai!
Dançai!
De archote aceso, o mundo iluminai!

Correi, correi filhos do Povo!
Deixae a pena e vinde ver...
Vinde assistir ao quadro novo.
O burgo vil a arder, a arder! (bis)
A chama alegre a crepitar.
Anda a correr entre os cazebres:
Arde um covil de fome febres,
A chama heroica sobe ao ar...

A chama heroica sobe, vòa
Sobre as pocilgas rubro véo;
E a crepitar o fogo entòa
Uma canção que sobe ao céu (bis)
Quanta miseria desinfecta
A chama audaz dê rubro tom!...
O burgo é velho, o fogo é bom
A chama sobe em linha réta...

O burgo todo se esboròa
A chama varre a podridão,
Oh! como a terra será bòa!
Oh! quantas messes brotarão! (bis)
Colhe as panteras no covil,
Queimada vá! Colhe as serpentes!
A chama tem linguas frementes,
E põe no céu um tom febril...

A chama faz cair tugurios
E faz ruir prizões tambem
Lambe quarteis, mantos purpureos,
A podridão que a terra tem... (bis)

E enquanto o burgo se reduz
A brazas rubras fumegantes,
A chama tem tons fulgurantes,
Duma potente e nova luz.

A chama canta, salta e corre,
O velho burgo tomba emfim...
Oh! quanto abutre cai e morre!
Oh! quanto abutre em seu festim! (bis)
De face a arder que a chama cresta!
O' párias nós, vinde dançar,
Dançar em roda correr, cantar,
Que esta fogueira é vossa festa!



O PRIMEIRO DE MAIO

Original italiano de Pedro Gori, para ser cantado com a aria do côro da oper Nabuco de Nozor, de Vedi.

Vem, ó Maio, saudam-te os póvos,
em ti colhem viril confiança,
Vem trazer-nos cerúlea bonança,
vem ó Maio trazer-nos dias novos!

Vibre o hino de esperanças aladas
ao grão verde que o fructo matura,
á capina onde a messe futura
já floriu sobre as negras queimaduras!

Desertai, ó falanjes de escravos,
da lavoura, da negra officina;
um momento de tregua á fachina,
O' abelhas, roubadas do favos!

Bis

Levantemos as mãos doloridas,
e formemos um feixe fecundo:
nós queremos remir este mundo
dos senhores da terra e das vidas!

Soffrimentos, idéaes, juventudes,
Primaveras de turbido arcano,
verde Maio do genero humano,
dai coragem aos animos rudes!

Emplorai ao rebelde caído,
com olhos fixos o nascente,
ao obreiro que luta fremente,
ao poeta gentil, esvaído.

TROVAS

Padeiro que te definhas
Ao forno da tirania
Mistura bem as farinhas
Prepara o pão da alforria.

Sapateiro, bate, bate
Na sola do teu penar
Que has de ver o teu resgate
Quando a Ideia triunfar.

Alfaiate passa o ferro
Nas véstes do parasita,
Que ele vai soltar um bérro,
Quando chegar a vindita.

Carpinteiro que martellas
Na madeira--exploração,
Acerta bem as janelas
Da tua emancipação.

Ferreiro que tanto malhas
Na forja do teu tormento,
Faz estourar as metralhas
No decisivo momento.

Tecedeira que suspiras
Sempre lidando ao tear
Téce o futuro que aspiras
Na liberdade amar.

Barbeiro que dia e noite
Cortas a barba ao freguez,
Faz da navalha um açoite
Contra o malvado burguez.

Obreiros que trabalhaes
Na construção da Anarquia,
Cavae fundo, mais e mais
No ventre da burguezia.

SERTANEJO REBELDE

Musica da «Viola Cantadeira»

Pode vê quem nunca viu,
maribondo arvorocado,
por todos canto da Terra
os burgueis intradaiado!
Já tão vendo as coiza preta,
com quarque zum-zum se assombra.
e o fantasma borxevico
eles vê na propria sombra

Oh! burgueis arrenegado,
tu veve sem trabaiá chamixuga
tás desgraçado.

Dos perarios, trabaiadô,
todo suó todo saingue tu suga
ó vivedó

Parasita arma danada
caninana de máus bofe
nem santantonho te acóde
nem os ranco do Tripoffi!
Queima a tua paia benta
que a trubuáda lá e vem
se chamá ninguem te escuta
se oiá não ves ningucm.

Oh! burgueis, etc.

Esses mocinho bonito,
pelintrecos de avenida,
tudo vai morrê de fome
se não quizé outra vida!
E as chandoquinha catita
dinlegancia e de carmim
vão todas perdê o luxo
que elas têm que oiá pr'a mim.

Oh! burgueis, etc.

Nhô-Precopio pacifista

se acabando puro o Brazi quasi intêro
esse tiro brazilêro
que insina os moço a matá
que arreserva os fios da gente graúda
de co' a canãia miúda
nos quarté se misturá

Tem! tem! o ferrero baté o maió
amoladô
o ferrêro ja maió

ó de patria é fero veio, inferrujado
tacho de cobre furado
guarda costa dos burgueis,
Qui é que têmno entocé pá defendê
si intê mêmno sem comê
nós passemno muita vez?

Tem! Tem!

inens das Lezes, da polika e a gente fina
que pegue nas caribina
prá cos otro guerreá,
nós os pobre não tem nada co essi

pêxi
e a só bispo que quêxe
quem só gosta de mandá.

Tem! Tem!



NOSSA PAZ

Aos clamores da turba homicida,
Que anatece o esterminio falaz
E que anseia, maldosa aguerrida,
Retardar o advento da paz,
Antepomos o ideal fecundo,
Porvir liberto, sonho d'amor,
Que elimina do mundo
O crime, o vicio, a dôr.

Egoismo, sentimento humano,
Convertido em voluptia feróz;
Inda o homem dos homens tyrano
Inda o homem de si proprio algoz!
Crime armado — injustiça suprema;
Fraternidade já nos conduz:
Rutilante diadêma
Em torrentes de luz.

Desfraldemos a nova bandeira
Que da guerra social nos trará,
Uma paz triumphal verdadeira
Que o regimen actual não fará
Homens livres, á lucta, á conquista,
Da liberdade que a vida encerra,
Communismo anarchista:
Igualdade na terra!

ESTRIBILHO

Fratricidas, para traz!
Salve! salve nossa paz.

